

# Quando a luz se apaga

ARMANDO BRITO DE SÁ\*

[...]

*Um dia nos libertaremos da morte  
sem deixar de morrer.*

*Glória, Jorge de Sena*

**E**ste Editorial deveria debruçar-se em pormenor sobre o estudo de prescrição de antibióticos efectuado pelos Médicos Sentinela, que abre o presente número da Revista. Este é o maior trabalho alguma vez efectuado entre nós, cujos resultados devem suscitar uma reflexão profunda: na verdade, o perfil de prescrição aqui descrito, na linha, aliás, do que anteriormente já aqui<sup>1</sup> e por outros<sup>2</sup> tinha sido reportado, revela que será necessário que procedamos a uma revisão cuidadosa das nossas práticas. O significado destes dados é reforçado pelo facto de os participantes no estudo, todos eles Médicos Sentinela, constituírem um grupo de médicos de família particularmente atentos à qualidade da sua prática. É absolutamente necessário que se lance entre nós um sistema de informação sobre o perfil individual de prescrição de cada um de nós (naturalmente, não só de antibióticos) cruzado com o perfil global das nossas unidades de saúde e com o da região em que estas se inserem, à imagem do PACT britânico. Este sistema tem-se revelado como eficaz incentivador de boa prática clínica e económica (passe a redundância) e extremamente útil na compreensão dos perfis de prescrição dos médicos de família do Reino Unido<sup>3,4</sup>. A não implementação entre nós de um sistema dessa natureza constitui uma omissão incompreensível.

A continuação desta discussão fica

adiada. Há momentos que nos transcendem, reduzindo à irrelevância intenções, projectos e cronogramas. A morte repentina de José Guilherme Jordão, médico de família, professor, mestre e amigo de tantos de nós, deixa um vazio demasiado doloroso para poder ser encarado com o distanciamento e imparcialidade próprios de uma revista científica. Os sentimentos e ideias desencadeados por uma tragédia como esta são múltiplos (a definição de tragédia será sempre pessoal, mas sei que será uma qualificação partilhada por muitos). Em pouco mais de duas décadas José Guilherme Jordão foi interveniente directo em praticamente todos os momentos fundadores da medicina geral e familiar portuguesa: no lançamento da carreira de clínica geral; no nascimento da especialidade no âmbito da Ordem dos Médicos; no desenvolvimento do Internato Complementar de Clínica Geral; na consolidação e conclusão dos programas de Formação Específica em Exercício, no âmbito do Instituto de Clínica Geral da Zona Sul; no desenvolvimento da formação pré-graduada em medicina geral e familiar na Faculdade de Medicina de Lisboa, sendo o primeiro doutorado em clínica geral desta Faculdade, e cuja dissertação de doutoramento constitui uma das referências basilares da prática da medicina geral e familiar portuguesa<sup>5</sup>. A sua capacidade de dádiva desinteressada, colaboração e apoio a quem dele necessitava deixa uma sensação de orfandade irremediável nos que tiveram o privilégio de com ele conviver.

É uma triste ironia que uma personalidade de referência de uma das disciplinas médicas que mais discutem a promoção da saúde e a prevenção da doença desapareça deste modo. José Guilherme Jordão deixa-nos como úl-

\*Director da Revista Portuguesa de Clínica Geral

tima e poderosa lição aquilo que, por vezes, afastamos do nosso consciente e que a sociedade ocidental cada vez mais, desgraçadamente, tenta esquecer: que os notáveis avanços da ciência médica continuam a ser um fraco recurso face à nossa imperfeição, e que a finitude humana, com a sua imprevisibilidade, é parte intrínseca do que é ser humano.

Precisamos por vezes de que a luz se apague para conseguirmos ver as estrelas na sua totalidade e compreender a sua importância nas nossas vidas. No momento em que José Guilherme Jordão passa a constituir parte incontornável da História da medicina geral e familiar portuguesa, cumpre-nos a nós, que por ora aqui ficamos, homenageá-lo da única forma que lhe faz justiça. Continuaremos a trabalhar em prol da especialidade que ele ajudou a construir e que escolhemos como nossa, para o benefício dos nossos concidadãos, humanos como nós.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Palma RM. Prescrição de antibióticos no serviço de atendimento complementar. *Rev Port Clin Geral* 2002; 18:35-52.
2. Caldeira L, Remisio E, António A, Vaz AF, Fonseca A, Maria V. Caracterização da prescrição de antibióticos em infecções do tracto respiratório por parte dos médicos de Clínica Geral e da carreira de Medicina Geral e Familiar do continente português. Lisboa: Infarmed; 2002. In URL: [http://www.infarmed.pt/pt/observatorio/ficheiros/rel\\_antibioticos.pdf](http://www.infarmed.pt/pt/observatorio/ficheiros/rel_antibioticos.pdf) (acedido em 14/07/03).
3. Majeed A, Evans N, Head P. What can PACT tell us about prescribing in general practice? *BMJ*. 1997; 315:1515-9.
4. Wilson RP, Hatcher J, Barton S, Walley T. Influences of practice characteristics on prescribing in fundholding and non-fundholding general practices: an observational study. *BMJ*. 1996; 313:595-9.
5. Jordão JG. A Medicina Geral e Familiar – Caracterização da prática e sua influência no ensino pré-graduado. (Dissertação de Doutoramento). Lisboa: 1995.